

Imprensa e reorganização da indústria da carne em Cascavel-PR (1970-2015)

Guilherme Dotti Grando¹

Resumo: O presente artigo se propõe a problematizar historicamente a organização e expansão da indústria frigorífica no município de Cascavel-PR entre 1970 e 2015. Nesse intervalo temporal, a industrialização de carne na região Oeste do Paraná vivenciou um processo de transformação e redefinição. O foco das atividades industriais foi deslocado do processamento da carne suína e bovina no início dos anos 1970 para o abate e industrialização da carne de frangos a partir de meados dos anos 1990. Problematizando reportagens publicadas na imprensa local, nosso objetivo mais amplo será discutir como o projeto de industrialização da carne de frango, longe de ser um caminho “natural”, foi antes um projeto forjado em meio a tensões e conflitos sociais envolvendo diferentes sujeitos históricos do campo e da cidade.

Palavras-chave: Frigoríficos e trabalhadores; Industrialização; Conflitos sociais.

Press and reorganization of the slaughtering industry in Cascavel-PR (1970-2015)

Abstract: This article proposes to problematize historically the reorganization and expansion of the slaughtering industry in the city of Cascavel-PR between 1970 and 2015. In this period, the industrialization of meat in the Western Paraná experienced a process of transformation and redefinition. The focus of industrial activities was shifted from the processing of pork and beef in the early 1970s to the slaughter and industrialization of chicken meat from the mid-1990s. Problematizing reports published in the local press, our broader goal will be to discuss how the project of industrialization of chicken meat, far from being a "natural" way was before a project forged amid tensions and social conflicts involving different historical subjects of the countryside and the city.

Keywords: Slaughterhouses and workers, Industrialization, Social conflicts.

¹ Professor do IFPA *campus* Parauapebas. Doutorando em História pelo PPGH da UNIOESTE. Orientador: Antônio de Pádua Bosi. Email: guilherme.dotti@ifpa.edu.br

Introdução: a “galinha de ouro” do oeste do paraná

Em reportagem publicada no início do mês de fevereiro de 2016 pelo jornal *O Paraná*², os leitores do jornal são informados de que, juntas, as seis maiores cooperativas agroindustriais do Oeste do Paraná alcançaram no ano de 2015 um faturamento na casa dos R\$16 bilhões³. Segundo a reportagem, ao passo que o sistema cooperativista paranaense em geral, formado por 223 cooperativas, apresentou um crescimento médio de 11,8% em relação ao ano de 2014, a média do aumento no faturamento desse seleto grupo de meia dúzia de cooperativas do Oeste do Paraná foi 15% superior em relação a 2014⁴. A explicação construída para o desempenho alcançado pelas cooperativas estaria diretamente relacionada à avicultura. Assim, ao destacar os números obtidos por uma das cooperativas, o periódico cascavelense destacou que “o número de frangos abatidos na Unidade Industrial de Aves teve um aumento de 20,7%, o correspondente a 84 milhões de aves; na base, o número de avicultores saltou para 835, um acréscimo de 19,8%”⁵.

O crescimento exponencial da produção das cooperativas e suas indústrias de processamento de carne de frango no Oeste paranaense nos últimos anos ajudam a dimensionar a expansão desse setor a nível nacional. Segundo informações disponibilizadas pela Embrapa por meio da Central de Aves e Suínos

² *O Paraná*” foi fundado em 1974 por Jacy Miguel Scanagatta. Empresário ligado a uma grande gama de setores econômicos, entre os quais, o madeireiro, o comércio de veículos e máquinas agrícolas, hotelaria, comunicações e ao agronegócio do Oeste do Paraná, Jacy Scanagatta foi eleito vice-prefeito do município de Cascavel-PR em 1965 e, doze anos depois, em 1976, prefeito do mesmo município. Em 1986 foi eleito deputado constituinte pelo estado do Paraná. Em 1978, dois anos depois de se eleger prefeito, Scanagatta vendeu o periódico *O Paraná* a André Heitor Costi e Emir Sfair. O primeiro deles, André Heitor Costi fora vice-prefeito do município gaúcho de Casca entre 1964 e 1969, e, depois de mudar-se para Cascavel-PR em 1971, trabalhou como contador em empresas ligadas ao próprio Jacy Scanagatta. O segundo deles, Emir Sfair, iniciou carreira de jornalista em Curitiba-PR ao longo da década de 1950. Esteve ligado a Secretaria de Imprensa do Palácio do Iguçu de 1951 até 1976, quando se mudou para Cascavel para assumir a direção do periódico *O Paraná*. No início da década de 1990, Emir Sfair fundaria o jornal Diário da Amzônia em Porto Velho, capital do estado de Rondônia. André Heitor Costi e Emir Sfair permaneceram como proprietários do jornal *O Paraná*” até 2007, quando o veículo de imprensa foi vendido ao empresário Alfredo Kaefer, proprietário de indústrias frigoríficas como a Globoaves e deputado federal eleito pelo Paraná por três mandatos consecutivos (2007 a 2019). Neste sentido, a trajetória do jornal cascavelense *O Paraná* esteve e está intimamente ligada aos setores da classe dominante vinculados aos interesses do agronegócio. A própria Coopavel, como apontaremos ao longo do artigo, foi uma patrocinadora frequente, principalmente através de anúncios publicitários.

³ “Cooperativas da região faturam R\$ 16 bilhões em 2015”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2016, 03 de fev. 2016.

⁴ *Idem. Ibidem.*

⁵ *Idem. Ibidem.*

(CIAS), em 2014, o Brasil produziu aproximadamente 12.692.250,513 toneladas de carne de frango⁶. Sobre esse mesmo ano, o Relatório Anual da Associação Brasileira de Proteína Animal informa que esse volume de produção garantiu ao Brasil o terceiro lugar no ranking mundial de produção de carne de frango, atrás apenas dos Estados Unidos (1º - 17.254 mil toneladas) e da China (2º - 13.000 mil toneladas)⁷. Segundo o mesmo relatório, 67,7% da produção total foram destinadas ao mercado interno, ao passo que as exportações responderam pelos outros 32,3%. A região Sul do Brasil foi a que mais contribuiu para esses números, produzindo 8.054.502,175 toneladas (63,46%) do total de carne de frango industrializada em 2014⁸. Por outro lado, o Brasil liderou a lista dos países exportadores, exportando nos mercados internacionais cerca de 4.099.596,916 toneladas em 2014. Percentualmente, as exportações brasileiras responderam a 37,34% do total de 10.977 milhões de toneladas produzidos mundialmente e destinados à exportação nesse setor⁹.

O estado do Paraná liderou o ranking nacional dos estados que mais exportaram carne de frango com 32,21%, cerca de 1.320.480,166 toneladas. O estado de Santa Catarina, que exportou 1.002.351,445 toneladas de carne de frango (24,45%), e o Rio Grande do Sul, com 752.276,034 toneladas (18,35%), vieram em segundo e terceiro lugares no ranking nacional, respectivamente. Assim como na produção total de carne de frango, a região Sul do Brasil também obteve destaque nas exportações dessa mercadoria, respondendo a 75% das exportações nacionais em 2014, o que contabilizou 3.074.697,687 toneladas de carne de frango.¹⁰ Neste cenário, a região Oeste do Paraná pode ser apontada como uma das regiões diretamente ligadas à posição da avicultura paranaense nas estatísticas nacionais de produção total e exportação de carne de frango. O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior calculou que, entre

⁶ CIAS. *Central de Aves e Suínos*. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/dados/grafico.php>> Acessado em 21/04/2023

⁷ ABPA. Associação Brasileira de Proteína Animal. 2015 *Relatório anual*. Disponível em: < <https://abpa-br.org/abpa-relatorio-anual/> > Acessado em 21/04/2023.

⁸ *Idem. Ibidem.*

⁹ *Idem. Ibidem.*

¹⁰ *Idem. Ibidem.*

janeiro e dezembro de 2015, 70% das exportações do Oeste do Paraná foram provenientes do setor avícola¹¹.

Localizado no Oeste paranaense, o município de Cascavel-PR, no qual estão instalados dois grandes frigoríficos de processamento de carne de aves, apresenta um panorama semelhante aos outros municípios da região já mencionados. Ao longo do ano de 2015, os frigoríficos da Coopavel e da Globoaves produziram 105.120,823 toneladas de carne de frango para exportação. Tamanho volume de carne respondeu por 43,3% das exportações realizadas pelo município em 2015, angariando o valor de US\$ 184.257.733¹².

Assim, a expansão da cadeia avícola nas últimas três décadas tem impactado econômica e socialmente tanto municípios onde estão instalados frigoríficos de frangos, como também dezenas de municípios da região Oeste paranaense vinculados à avicultura, nos quais os agricultores integrados às cooperativas e empresas particulares são responsáveis pela criação e engorda das aves que posteriormente serão industrializadas nos frigoríficos¹³.

Na visão das classes dominantes, amplamente divulgada em meios de comunicação como o jornal cascavelense *O Paraná*, o desempenho obtido pela avicultura e as agroindústrias no Oeste paranaense seria responsável pelo desenvolvimento econômico da região e pela geração de dezenas de milhares de empregos no campo e nas cidades. Mais do que isso, para a burguesia local, a cadeia de produção de carne de frango seria também sinônimo de uma suposta estabilidade. É o que nos sugere, por exemplo, a reportagem do dia 17 de abril de 2015, na qual, sob o sugestivo título “Sem ‘voo de galinha’ na avicultura do Oeste”, somos informados de que,

A expressão “voo de galinha” serve para ilustrar aqueles empreendimentos que têm “fôlego curto” e logo perdem a viabilidade. Este não é o caso da avicultura paranaense,

¹¹ MDIC. *Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior*. Disponível em: <<https://www.gov.br/produktividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas>> Acessado em: 21/05/2023.

¹² MDIC. *Ibidem*.

¹³ BELUSSO, D. “A formação das cooperativas agrícolas e a expansão da avicultura de abate no Oeste paranaense (1970-2010)”. In: BOSI, A.P. *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010)*: estudos sobre a cadeia avícola. Jundiá: Paco Editorial, 2014, p. 39-61.

especialmente no Oeste do Paraná. Enquanto a economia brasileira vive momento de tensão, o setor de carne de frango comemora recuperação na exportação, com destaque para a abertura de novos mercados como da Ásia. O Paraná, com destaque para cidades da região Oeste como Toledo e Cascavel, é responsável por um terço da exportação de carne de frango do país, segundo dados do Sindiviapar – Sindicato das Indústrias de Produtores Agrícolas do Estado do Paraná. Para o consultor de negócios com ampla experiência no setor, Carlos Tortelli, o bom momento deve ser aproveitado para promover a expansão da atividade de forma horizontal¹⁴.

Em outra reportagem, datada de quatro de outubro de 2015, *O Paraná* comemorava mais uma vez essa história de sucesso empresarial das cooperativas agroindustriais no Oeste paranaense. Na avaliação do periódico, mesmo em um momento de crise na economia brasileira, os números alcançados pelas agroindústrias nos últimos anos garantiriam à avicultura o emblemático título de “galinha dos ovos de ouro da região Oeste”. Mesmo as cidades que não possuem frigoríficos, mas que estão vinculadas à indústria da carne de frango por meio dos aviários e “onde as economias *respiram avicultura*, esta *boa dependência* é ainda maior e vai muito bem, obrigada”.¹⁵ Em entrevista à reportagem de *O Paraná*, o senhor Dilvo Grolli, atual diretor-presidente da Coopavel, revela-nos também uma interpretação que parece ser, sob o ponto de vista das classes dominantes, uma síntese histórica do projeto agroindustrial da carne de frango na região. Segundo o diretor-presidente da cooperativa cascavelense, “Deixamos de vender o grão sem processamento para vender carne. É o produto transformado e com valor agregado que gera emprego, renda e muito desenvolvimento’, comemora”.¹⁶

Ao longo da matéria publicada pelo jornal *O Paraná* em fevereiro de 2016¹⁷, em meio aos números, cifras na casa dos bilhões e a celebração da pujança da produção e dos lucros alcançados pela avicultura e pelas agroindústrias no Oeste paranaense, encontramos uma síntese acerca do passado recente desse setor

¹⁴ “Sem ‘voo de galinha’ na avicultura do Oeste”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2015, 17 de abr. 2015, p. 1. [grifo meu]

¹⁵ “Avicultura é a ‘galinha dos ovos de ouro’ da região Oeste”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2015, 04 de out. 2015. [grifo meu]

¹⁶ *Idem. Ibidem.*

¹⁷ “Cooperativas da região faturam R\$ 16 bilhões em 2015”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2016, 03 de fev. 2016.

muito semelhante àquela apresentada pelo senhor Dilvo Grolli. O periódico cascavelense, a esse respeito, descreve-nos a trajetória de expansão das agroindústrias nas últimas décadas nas seguintes palavras

As seis cooperativas [C.Vale, Lar, Copagrill, Copacol, Coopavel e Primato], juntas, contam com 46 mil cooperados e dão ocupação a quase 30 mil colaboradores. Inicialmente focadas na produção de commodities, as empresas agregam valor à produção de grãos com plantéis animais. Em vez de grãos, as cooperativas exportam carne e faturam, dependendo da cotação do dólar, de três a quatro vezes mais.¹⁸

Essa parece ser, portanto, uma síntese compartilhada pela classe dominante local e amplamente difundida nos meios de comunicação. A imagem que se constrói a partir das reportagens e matérias divulgadas na imprensa local acerca da avicultura e das agroindústrias, em consonância com os grupos dirigentes dos frigoríficos da região Oeste do Paraná, tem atribuído a esse setor uma trajetória linear de expansão. Os trechos de reportagens transcritos acima são emblemáticos daquilo que pode ser entendido como uma imagem-síntese do desenvolvimento da agroindústria na região. As classes dominantes apresentam a expansão da cadeia avícola e o desenvolvimento das agroindústrias como um caminho “natural” para a região. Nessa imagem-síntese, ressalta-se ainda uma suposta estabilidade, capaz de movimentar o setor mesmo em momentos de crise. Para a “galinha dos ovos de ouro” do Oeste do Paraná não haveria “voos de galinha”.

Partindo do ponto de vista da História Social, entendemos que a imprensa foi um agente político importante na construção e legitimação do projeto de industrialização de carne no Oeste paranaense.¹⁹ Neste sentido, enquanto fonte histórica, a imprensa de modo geral e, aqui, os periódicos impressos especificamente, não registram fatos já dados. Muito mais do que isso, a imprensa seleciona, organiza a partir de seus interesses e produz leituras e sentidos acerca

¹⁸ *Idem. Ibidem.*

¹⁹ PEREIRA, Fagner Guglielmi. *Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em Marechal Cândido Rondon (2000-2010)*. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

do passado com vistas a intervir no presente.²⁰ No presente artigo nossa intenção será questionar quais contradições e quais tensões permanecem omitidas no discurso das classes dominantes que procura justificar e legitimar a expansão da avicultura e das agroindústrias no Oeste do Paraná entre a década de 1980 e a primeira metade da década de 2010. Quais conflitos são aplainados na afirmação de que as transformações ocorridas nas últimas três décadas são o resultado da “necessidade” de se “agregar valor à produção”? De modo mais específico, nossa intenção é problematizar os sentidos históricos atribuídos pela fração da classe dominante à consolidação das agroindústrias nas últimas três décadas a luz das mencionadas questões – particularmente, dos frigoríficos de frangos.

Crise, indústria da carne e a coopavel na década de 1980

Durante as décadas de 1970 e 1980, a atividade de produção de carne no Oeste paranaense esteve ligada quase que exclusivamente ao abate, à desossa e à comercialização da carne suína e, em menor medida, da carne bovina. Havia na região vários açougues, casas de carnes e pequenos abatedouros, também chamados de fabriquetas, que ocupavam não mais do que uma dezena de trabalhadores para produzirem e comercializarem carne suína e bovina. Em certo sentido, principalmente durante as décadas anteriores ao início dos anos 1990, ao mesmo tempo em que respondeu a uma parte importante da carne abatida e consumida na região, a produção de carne a partir desses pequenos estabelecimentos vinculava-se a um modo de viver e trabalhar bastante específico. Mesmo em meados da década de 1990 a presença das fabriquetas, das casas de carne e dos açougues ainda era registrada pelos meios de comunicação locais. Segundo reportagem de *O Paraná*, o médico veterinário responsável pela Vigilância Sanitária em Cascavel-PR em 1993 estimava que “75% de carne consumida no município é originária de abatedouros clandestinos”²¹.

²⁰ CRUZ, Heloísa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, PUC, n° 35, 2014, pp. 253-270.

²¹ “Carne para exportação”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1993, 02 de jun. 1993, p. 3.

No entanto, esses pequenos abatedouros e fabriquetas já dividiam o cenário da produção de carne no Oeste paranaense com os frigoríficos que passaram a se instalar na região. Em 1963, instalou-se na cidade de Marechal Cândido Rondon-PR o Frigorífico Rondon S/A (Frirondon). Seis anos mais tarde (1969), o Frirondon entrou em dificuldades financeiras e foi vendido à Frimesa/Ruaro. Em 1979, o frigorífico seria adquirido pela multinacional estadunidense Swift-Armour, que manteve a planta produtiva por uma década, até 1989, quando foi novamente vendido, dessa vez para a Ceval. Em 1996, a Ceval anunciou o fechamento do frigorífico de abate de suínos²².

Também na década de 1960, o Frigorífico Medianeira S/A (Frimesa) instalou planta para o abate e para a desossa de porcos na cidade de Medianeira-PR. Nesse momento, o frigorífico da Frimesa se manteve como empresa particular que comprava parte do rebanho de suínos da região para industrializá-lo. Essa situação foi colocada em xeque em 1978, quando a Frimesa foi à falência. Um ano mais tarde, em 1979, a massa falida do frigorífico foi adquirida pela Sudcoop, que manteve a marca Frimesa nas mercadorias produzidas naquela planta produtiva. Industrializar carne de suínos e de bovinos durante as décadas de 1970 e 1980 não era uma atividade sem “voos de galinha”. Assim como os dois casos já mencionados, outros frigoríficos que se estabeleceram na região fecharam suas portas depois de alguns anos, ou então foram vendidos a outros grupos.

Na cidade de Cascavel-PR, a trajetória da indústria da carne entre as décadas de 1970 e 1980 também esteve distante da “estabilidade”. Na metade da década de 1970 já funcionava em Cascavel-PR pelo menos um frigorífico de abate de suínos e bovinos, chamado Friguaçu. Em 1979, o Friguaçu entrou em processo de falência e, em 1980 a Coopavel adquiriu as instalações do frigorífico e os incorporou ao seu patrimônio com o objetivo de comercializar os rebanhos de suínos criados nas propriedades dos agricultores vinculados a cooperativa. Ao comprar as instalações do antigo Friguaçu, a Coopavel adquiriu não somente a

²² PEREIRA, Fagner Guglielmi. *Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.; BOSI, Antônio de Pádua. “Paternalismo e racismo: História dos trabalhadores da vila operária da FriRondon (1963-1979)”. *Revista Tempos Históricos*. Vol. 20. Número 02. Ano18. Departamento de História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Marechal Cândido Rondon, 2016, p.227-255.

planta produtiva, que empregava entre 400 e 600 trabalhadores, mas também o espaço no qual se encontrava a vila operária, com 64 casas.

A aquisição do Friguaçu pela Coopavel e a industrialização de carne suína e bovina não eram temas passivos dentro da cooperativa cascavelense. No início de 1985, a Coopavel passava por “dificuldades financeiras”, acumulando uma dívida de Cr\$52 bilhões.²³ A situação chegava a um ponto crítico tal que, no dia 02 de fevereiro de 1985, os associados da cooperativa realizaram assembleia geral com o objetivo de discutir e deliberar acerca da permanência ou não da então diretoria. No dia 03 de fevereiro de 1985, a reportagem de capa de *O Paraná* divulgava o resultado da assembleia da Coopavel:

Por 952 votos contra 246, os agricultores associados a Coopavel – Cooperativa Agropecuária de Cascavel – decidiram ontem, em assembleia, destituir toda a diretoria da entidade que os representa, que tinha a frente o agropecuarista Luis Boschirolli. [...] Os agricultores decidiram pela saída da atual diretoria da cooperativa em função das dificuldades financeiras por que vinha atravessando a entidade, hoje com uma dívida de Cr\$52 bilhões, *contraída principalmente em investimentos feitos pela diretoria da Coopavel no Parque Industrial.*²⁴

Mais do que o resultado da assembleia, chama-nos a atenção o fato de a reportagem construir uma relação direta entre a crise da Coopavel e a aquisição do Parque Industrial da cooperativa cascavelense. O chamado Parque Industrial da Coopavel era composto naquele momento por um laticínio, uma indústria de extração de óleos vegetais e pelo Frigovel (resultado da incorporação da massa falida do antigo Friguaçu em 1980). Sua aquisição foi financiada com empréstimos bancários nacionais e estrangeiros. Esse tema, a viabilidade da manutenção do Parque Industrial pela Coopavel, não seria encerrado com a destituição da antiga direção da cooperativa.

Para o lugar da direção destituída, a assembleia também elegeu uma comissão provisória, encabeçada pelo “advogado e agropecuarista” Salazar Barreiros – que também era, à época, secretário e então candidato à presidência

²³ “Coopavel começou a demitir os gerentes”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de fev. 1985, p. 1.

²⁴ “Associados destituem diretoria da Coopavel”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 03 de fev. 1985, p. 1. [grifos nossos].

do Diretório Municipal do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) de Cascavel-PR.²⁵ Posteriormente, Salazar Barreiros ocuparia o cargo de prefeito do município por duas gestões, entre 1989 e 1992 e de 1997 a 2000. Além dele, entre os outros membros da comissão provisória, constava também o nome do atual presidente da Coopavel, Dilvo Grolli, então na condição de secretário.²⁶ O objetivo da comissão provisória seria conduzir “os destinos da cooperativa” até que, num prazo máximo de trinta dias, uma nova eleição fosse realizada.

No dia anterior à data da assembleia convocada pela comissão especial para a realização da eleição, 22 de fevereiro de 1985, seus membros se reuniram às 15h nas dependências da cooperativa cascavelense para definir os nomes que deveriam compor uma “chapa de consenso”. No entanto, conforme noticiou o periódico *O Paraná* na manhã do dia da assembleia (23 de fevereiro de 1985), até o fechamento daquela edição, a meia noite do dia anterior, os membros da comissão e alguns outros agricultores permaneciam reunidos “em função dos vários contatos que a comissão de administradores achou por bem realizar com lideranças dos vários setores envolvidos com a Cooperativa”.²⁷ A reunião se estenderia noite adentro, sem que nada fosse encaminhado. A assembleia do dia 23 de fevereiro, portanto, iniciou e terminou sem que nenhuma “chapa de consenso” fosse apreciada. No dia seguinte, 24 de fevereiro de 1985, o jornal cascavelense explicava aos seus leitores os motivos do fracasso na construção da chamada “chapa de consenso”.

E as dificuldades para isso ficaram em torno dos três principais componentes da chapa: presidente, vice-presidente e secretário; nenhum dos nomes indicados pela comissão e até pelo conselho fiscal transitório aceitou integrar a chapa [...]. O problema para a composição da chapa, mesmo única, está ocorrendo face à profunda crise que atravessa a Coopavel. E a propósito desta situação difícil, o presidente da comissão provisória, Salazar Barreiros, revelou que a dívida da Cooperativa que em outubro de 84 era em torno de Cr\$53 bilhões, hoje já chega à casa de aproximadamente Cr\$63 bilhões.²⁸

²⁵ “Coopavel começou a demitir os gerentes”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de fev. 1985, p. 1.

²⁶ *Idem, Ibidem.*

²⁷ “Sem crédito e dinheiro, Coopavel pede socorro”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 22 de fev. 1985, p. 5.

²⁸ “Coopavel sem presidente. Ninguém quis assumir o ‘pepino!’”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 24 de fev. 1985, p. 1.

O resultado da primeira assembleia é interessante tanto pelos conflitos em torno dos nomes que comporiam a chamada “chapa de consenso”, mas principalmente por evidenciar as tensões na definição das linhas políticas que seriam adotadas pela direção da Coopavel. A falta de êxito na construção de um “consenso” para a formação da nova direção da Coopavel seria contornada com a realização de uma segunda assembleia, convocada pela comissão especial para o dia dois de março de 1985. A composição da “chapa de consenso” manteve o nome de Salazar Barreiros na cadeira de presidente, tendo como vice o também agrônomo Joaquim Felipe Laginski e como secretário Dilvo Grolli.

Quando a nova direção da cooperativa é formalmente eleita, o reconhecimento da instabilidade financeira na qual se encontrava a Coopavel era aparentemente “consensual” (ao menos entre os setores da classe dominante articuladas com a nova direção da cooperativa). A escolha daqueles que seriam os próximos passos e que definiriam os “destinos da cooperativa” frente a esta situação, no entanto, estava longe de ser ponto passivo. Novamente parte importante do debate que foi estabelecido dentro da cooperativa se orientou pelo questionamento da viabilidade do Parque Industrial. As tensões na definição do futuro da Coopavel eram tais que “houve até quem propôs durante a assembleia a venda da cooperativa, embora o cooperado que se manifestou nesse sentido tenha levado vaia de outros agricultores”.²⁹ As ações adotadas pela direção da Coopavel com o objetivo de impedir a insolvência da cooperativa foram registradas pelo jornal *O Paraná* nos meses seguintes. Na condição de fontes históricas, tais reportagens desenham questões relevantes e que nos ajudam a contextualizar a desconfiança da classe dominante local sobre o Parque Industrial e o Frigovel.

Ao registrar o resultado da assembleia do dia dois de março de 1985, em que a “chapa de consenso” para a direção da Coopavel foi formada e eleita, *O Paraná* elencava como uma “dificuldade muito grave hoje enfrentada pela Coopavel” a “falta de credibilidade junto aos agricultores, que não mais vinham entregando sua produção na cooperativa porque sua entidade não dispunha de

²⁹ *Idem, Ibidem.*

capital de giro”.³⁰ Assim, uma das primeiras ações da nova direção da Coopavel foi destacar uma equipe de pessoas – “diretores de entrepostos, técnicos agrícolas e até colaboradores” – para visitar agricultores da área de abrangência da cooperativa. Com a visita, a equipe formada pela nova direção pretendia mobilizar os agricultores a se comprometerem em negociar com a cooperativa os resultados futuros da safra daquele ano, “buscando apoio dos associados para a recuperação da Coopavel”.³¹

Alguns dias mais tarde, o periódico cascavelense registrava a fala do dirigente da Cotriguaçu, José da Luz Ochoa, acerca da crise vivida pela Coopavel. Segundo Ochoa, “Os problemas são realmente muito sérios, mas o que pregamos durante muito tempo, [...] está agora se concretizando, com uma ampla adesão do quadro associativo as propostas da diretoria”³². Embora otimista, o dirigente da Cotriguaçu não deixou de reforçar a necessidade de mobilizar os agricultores para que negociassem suas safras com a Coopavel, ressaltando que “as soluções devem partir do próprio quadro associativo, até por uma questão de credibilidade, pois de outra maneira se criaria um quadro de desconfiança”.³³

Neste ponto, é interessante contextualizar as questões destacadas pelo periódico cascavelense acerca da credibilidade das cooperativas dentro do processo histórico de desenvolvimento do capitalismo no campo na região Oeste paranaense. Nesta direção, durante a década de 1950, a ocupação do Oeste paranaense mobilizou um contingente significativo de pessoas para a região. Esse contexto de crescimento populacional impulsionou, por exemplo, o surgimento de quase 50 novos municípios no Oeste do Paraná nesse período. Orientada a partir de pequenas propriedades, a ocupação dessa região e a organização do trabalho nesses pequenos lotes direcionaram as atividades no campo para a produção de gêneros como o milho e o trigo, além da criação de animais, principalmente suínos. Apoiadas nessa organização, formaram-se durante as décadas de 1960 e 1970 as primeiras cooperativas agrícolas da região, com o objetivo de arregimentar recursos

³⁰ “Fim do impasse na Coopavel: presidente foi eleito. Agora preocupação é com a dívida”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 03 de mar. 1985, p. 1

³¹ “Agricultores se unem para salvar a Coopavel”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 05 de mar. 1985, p. 1

³² “Coopavel já reage, diz dirigente cooperativista”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de mar. 1985, p. 4.

³³ *Idem, ibidem.*

entre estes produtores e direcioná-los para o cultivo de soja e milho, garantindo suporte técnico para o aumento da produtividade no campo e servindo de intermediárias na comercialização dos gêneros produzidos.³⁴

A formação da estrutura agrária no Paraná durante a primeira metade do século XX, particularmente nas regiões Oeste e Sudoeste, estabeleceu-se a partir da década de 1950 com base nas pequenas propriedades rurais. Porém, ao longo das duas décadas seguintes, as transformações na estrutura agrária no Paraná delinearam uma forte tendência na direção da concentração fundiária.³⁵ José Graziano da Silva, ao tratar deste processo, enfatizou como explicação para esta tendência a transformação da pequena produção de subsistência, agora tutelada a propriedade da terra sob controle do capital. Esta dinâmica, na medida em que acentuaria um processo de expropriação de pequenos produtores caracterizados por condições de acesso à terra precárias – como, por exemplo, parceiros, arrendatários, posseiros e pequenos proprietários –, intensificaria o aumento do grau de concentração fundiária na região.³⁶

Tal processo desenhou os contornos da experiência de milhares de trabalhadores rurais. Muitos deles perderam as condições que os mantinham no campo. Outros vivenciaram essa dinâmica histórica a partir da experiência dos conflitos e disputas em torno das relações de propriedade e posse da terra no campo.³⁷ Assim, frente a essa experiência social de exploração e expropriação, muitos desses trabalhadores e trabalhadoras rurais vislumbraram (e vislumbram) na luta coletiva a possibilidade de ter acesso à terra, como foi o caso da formação do Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (MASTRO) na primeira metade da década de 1980 e, posteriormente, ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado em Cascavel-PR em 1986³⁸.

³⁴ BOSI, Antônio de Pádua. *Acumulação de capital no Oeste Paranaense*. Marechal Cândido Rondon, 2015. Texto mimeografado.

³⁵ SILVA, José Graziano. “A estrutura agrária do Paraná”. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Número 87. 1996, p.175-195.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ MORAES JUNIOR, Leozil Ribeiro de. *Mastro: o movimento dos agricultores sem-terra do Oeste do Paraná (1970-1990)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2011.

A formação e a consolidação das cooperativas, portanto, estiveram inseridas diretamente nesse contexto. A afirmação das relações capitalistas no campo durante a segunda metade do século XX foram definidas a partir da pressão e dos embates sobre outros sujeitos históricos, seus modos de viver e trabalhar, como, por exemplo, os posseiros e demais trabalhadores rurais pobres.³⁹ Direcionando a “cooperação” de seus associados em sentido muito específico – a acumulação de capital –, as cooperativas que se formaram no Oeste paranaense representavam um projeto político para o campo. A afirmação desse projeto não deixou de ser tensionada e contestada, por exemplo, pelas experiências de luta e enfrentamento dos trabalhadores rurais que tiveram seus modos de viver e trabalhar no campo pressionados e transformados⁴⁰.

Nesse sentido, contextualizada historicamente, a ação de visitar os agricultores como uma das estratégias para “salvar” a Coopavel pode ser entendida também como parte da articulação desse projeto político específico para o campo: a acumulação de capital e a defesa da propriedade privada. Como representante das classes dominantes de Cascavel-PR, o que as reportagens veiculadas em *O Paraná* descortinam ao tratarem da “falta de credibilidade” da Coopavel junto aos seus associados ou do “quadro de desconfiança” no qual se encontrava a cooperativa cascavelense na metade da década de 1980 são os conflitos e as dificuldades enfrentadas na afirmação desse projeto sob o ponto de vista destes setores dominantes. A situação de instabilidade entre a classe dominante acerca da manutenção das próprias cooperativas, entre elas a Coopavel, era sensível. Frequentemente encontramos nas edições do jornal *O Paraná* publicadas na metade dos anos 1980 a veiculação de campanhas publicitárias organizadas pela direção da Coopavel que procuravam aproximar os agricultores da cooperativa (Figura 1).

³⁹ MORAES JUNIOR, Leozil Ribeiro de. *op. cit.*; CUNICO, Jaqueline. *Viver e trabalhar no campo: produção agropecuária, relações de trabalho e tensões no Extremo Oeste paranaense, 1970-2012*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

⁴⁰ CUNICO, Jaqueline. *op. cit.*



Figura 1: "Esta cooperativa é sua propriedade"⁴¹

A incerteza acerca da viabilidade do Parque Industrial adquirido pela Coopavel no início da década de 1980 estava relacionada a todos esses elementos. “Desconfiança dos associados” com relação à cooperativa, endividamento com o capital financeiro e a dependência de grandes empresas multinacionais. Além disso, entre a metade da década de 1980 e o início da década seguinte, encontramos na imprensa cascavelense evidências acerca de situações emblemáticas das contradições com as quais se debatiam o Frigovel e outros frigoríficos de suínos e bovinos do Oeste paranaense nesse período. Não eram poucas.

Em 06 de junho de 1987, o jornal *O Paraná* registrava a reclamação do presidente da Associação Municipal dos Suinocultores de Cascavel, Leudegar de Souza, de que “a dependência dos suinocultores ainda é muito grande, principalmente, nas indústrias de insumos”.⁴² Segundo ele, os suinocultores já tinham de assumir uma dívida para iniciar o plantel de animais, pois já nesse momento recebiam adiantado os insumos necessários. Ao final do processo, os recursos gastos e as dívidas acumuladas na produção dos suínos não eram saldadas com os preços praticados pelos frigoríficos. “Em resumo, quem faz o preço dos suínos são as indústrias que fornecem a ração”.⁴³ Leudegar de Souza apelava à “união de todos os suinocultores” e os convocava para o IV Encontro Estadual de Suinocultores, que ocorreria no dia 17 de julho daquele ano em Guaraniaçu-PR, com o objetivo de discutir uma solução para a situação favorável

⁴¹ “Sem crédito e dinheiro, Coopavel pede socorro”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 22 de fev. 1985, p. 5.

⁴² “Suinocultura acumula prejuízos”. *O Paraná*, Caderno Rural. Cascavel-PR, ano 1987, 06 de jun. 1987, p. 3.

⁴³ *Idem. Ibidem.*

aos suinocultores, encontro no qual ficaria definido que “todos os segmentos ligados à suinocultura traçaram uma linha de trabalho que elevou o preço mínimo do suíno para Cz\$ 24,00”.⁴⁴

No entanto, dois meses depois, no início de agosto de 1987, conforme noticiava *O Paraná*, a Associação Paranaense dos Suinocultores (APS) “divulgou nota à imprensa, onde afirma que o acordo não está sendo cumprido pelos frigoríficos”.⁴⁵ Os frigoríficos, por sua vez, alegavam inviabilidade econômica em praticar os preços acordados com os suinocultores sem que o governo federal se comprometesse a comprar as mercadorias produzidas pelas indústrias frigoríficas. No início de dezembro, a situação não era distinta e os frigoríficos de suínos permaneciam se negando a pagar o valor estabelecido entre governo e suinocultores. Segundo o presidente da Coopavel, Salazar Barreiros, “com a alta do preço, a carne suína poderá ter seu consumo retraído, e por isto o governo deveria garantir a compra do produto para formar estoque, evitando a superoferta sem mercado consumidor”.⁴⁶

As tensões e conflitos que envolviam os frigoríficos no Oeste Paranaense não se restringiam aos preços pagos para os suinocultores. Para frigoríficos como o Frigovel, a industrialização da carne bovina também não se encontrava em momentos muito promissores na metade da década de 1980. No dia 20 de novembro de 1986, o jornal *O Paraná*, avisava que, em Cascavel-PR, “Carne, nem para remédio!”. Assim, informava o periódico cascavelense que

Continua a falta de carne de gado nos supermercados e em açougues particulares da região. O abastecimento não está sendo feito pelos frigoríficos, que também estão sem a mercadoria para comercializar, porque não estão conseguindo comprar os bois para o abate.⁴⁷

Como no caso da carne suína, o governo federal estabelecia uma tabela de preços máximos que seriam pagos aos pecuaristas na compra e na venda do gado.

⁴⁴ *Idem. Ibidem.*

⁴⁵ “Para cumprir acordo, frigoríficos querem que o governo faça estoque”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1987, 06 de ago. 1987, p. 6.

⁴⁶ “Suíno: novo preço ainda ‘não é tudo’”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1987, 08 de dez. 1987, p. 1.

⁴⁷ “Carne, nem para remédio”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1986, 20 de nov. 1986, p. 4.

Da mesma forma, em ambos os casos, colocavam-se em rota de colisão os interesses de diferentes setores da classe dominante e seus representantes, ligados tanto à criação de suínos e bovinos, como aos frigoríficos. Certamente, compreender mais a fundo o processo e as contradições que envolveram a articulação desses setores na defesa de seus interesses demandaria, por si só, uma pesquisa histórica específica, que, no entanto, não faz parte da problemática deste trabalho. De qualquer forma, como evidenciam as reportagens veiculadas na imprensa cascavelense, a falta de abastecimento de carne suína e bovina nos açougues na região Oeste do Paraná não era exatamente uma novidade nesse período.

Nesse contexto, vale lembrar que nem mesmo o frigorífico de processamento de carne de suínos e bovinos mantido pela cooperativa cascavelense era visto com otimismo, a ponto de o FrigoVel estar incluído naquilo que foi chamado de “plano de desmobilização” da Coopavel pelo presidente da direção eleita em 1985, Salazar Barreiros.⁴⁸ E, apesar de não ter sido vendido, conforme previa o plano inicial, o FrigoVel e a industrialização de carne suína e bovina estavam longe de serem entendidos como “salvação” para a situação crítica na qual se encontrava a Coopavel naquele momento

A curto prazo, a renegociação das dívidas da cooperativa com os bancos e a liberação de mais crédito conseguiram impedir o que parecia ser a falência iminente da Coopavel. Por sua vez, mantiveram a relação de dependência com o capital financeiro, pois, além da rolagem da dívida, parte dos empréstimos contraídos pela direção para manter a cooperativa em funcionamento, foram firmados com os mesmos bancos credores dos dividendos pretéritos. No entanto, no médio prazo, ainda era preciso articular um projeto capaz de dirimir as contradições nas quais se encontrava a Coopavel e que balizavam a manutenção das relações capitalistas no campo, a viabilidade da industrialização de carne e a sobrevivência da cooperativa cascavelense na metade da década de 1980 – a “falta de credibilidade” e o “quadro de desconfiança” junto aos associados, para usar as expressões empregadas pelo periódico *O Paraná*.

⁴⁸ “Agricultores se unem para salvar a Coopavel”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 05 de mar. 1985, p. 1

Coopavel e a instalação dos frigoríficos de frangos no oeste do paraná

Na metade da década de 1980, avicultura e a indústria da carne de frango pareciam estar em um momento distinto daquele que atravessavam a Coopavel e outras cooperativas. Instalada desde 1964 na cidade de Toledo-PR, a Sadia inaugurou uma linha de produção de carne de frango ainda nos anos 1970. Em 1984 estabelecia um novo recorde de exportação de alimentos. Naquele ano, enviou ao exterior algo em torno de 490 mil toneladas de produtos. O grande destaque nessa quebra de recorde foi creditado à produção de carne de frango, abatida e processada em frigoríficos como o que a Sadia mantinha na cidade de Toledo-PR. Segundo relatou o jornal *O Paraná*,

Essa receita de US\$ 248 milhões obtidas pela Sadia no ano passado [1984] representa 22% a mais que a receita de exportação de 1983, de US\$ 204 milhões, e consolida o grupo como o maior exportador brasileiro de frangos congelados. Só em venda de frango ao exterior a Sadia obteve, em 84, US\$ 105 milhões, representando 42,5% da receita global de exportações brasileiras desse produto.⁴⁹

O cenário vivido pela indústria de carne de frango ligada ao grupo Sadia, na metade da década de 1980, portanto, se desenhava bastante distinto daquele no qual se encontrava a Coopavel e a maioria dos frigoríficos de suínos e bovinos no Oeste paranaense na década de 1980 – que frequentemente faliam, fechavam as portas ou eram vendidos a outros grupos.⁵⁰ Enquanto a Sadia quebrava recordes de produção e de exportação de carne de frango ao exterior, a Coopavel se encontrava não apenas em dificuldades financeiras, mas também vivia um momento de “falta de credibilidade” entre seu quadro de associados.

A segunda metade da década de 1980 e a década de 1990 marcaram, portanto, um momento de reorganização nas cooperativas da região e na indústria

⁴⁹ “Grupo Sadia exporta 240 milhões de dólares e será premiado pelo recorde”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de mar. 1985, p. 6.

⁵⁰ PEREIRA, Fagner Guglielmi. *Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

da carne ligada a elas, uma vez que foi nesse período que se instalaram na região a maioria dos frigoríficos de frangos ligados às cooperativas, conforme evidenciado pela Tabela 1. Com exceção da Coopacol na região de Cafelândia-PR, que no início da década de 1980 inaugurava um frigorífico de aves com capacidade para abater cerca de 70 mil aves/dia - ampliada para 120 mil aves/dia em 1991 –, as outras plantas produtivas de industrialização da carne de frango vinculadas às cooperativas passaram a operar na década de 1990 ou em anos posteriores, como é o caso da Copagrill em 2005.

Tabela 1: Comparativo entre o ano de fundação das cooperativas do Oeste do Paraná e o ano de instalação dos frigoríficos de frangos nas respectivas cooperativas

Cooperativa/Sede	Ano de fundação	Ano de instalação do frigorífico de frangos
COPACOL/Cafelândia-PR	1963	1982
COOPAVEL/Cascavel-PR	1970	1994
C.VALE/Palotina-PR	1963	1997
COTREFAL/LAR/Matelândia-PR	1964	1999
COPAGRIL/ Marechal Cândido Rondon-PR	1970	2005

Fonte: Organização do autor a partir das informações obtidas nos sites das cooperativas.

Frente às dificuldades enfrentadas pelas cooperativas locais, sejam elas relacionadas a comercialização de grãos, ao endividamento ligado ao capital financeiro, às tensões e às contradições na afirmação das cooperativas no campo, ou então, no caso mais específico da Coopavel, às incertezas da manutenção do Parque Industrial no qual estava incluído o Frigovel, o projeto de reorganização das relações sociais no Oeste do Paraná não estava definido a priori. Assim, ao longo desses anos, diversos setores das classes dominantes regionais estiveram engajados na formulação de um projeto político capaz de estabelecer condições para a acumulação de capital e o desenvolvimento do capitalismo na região.

Por outro lado, essa experiência de reorganização pautada nos frigoríficos de frango esteve inserida em amplo conjunto de transformações na produção e industrialização de carne. Estudos têm localizado a expansão da produção de carne

de frango no Brasil a partir da década de 1970, ganhando maior fôlego nos anos 1990. Essa expansão também impulsionou o deslocamento da região em que se concentrava a maior presença dos frigoríficos de frangos, deixando os estados de Minas Gerais e São Paulo em direção a Santa Catarina e Paraná.⁵¹ Nesse sentido, junto ao momento de “crise” experimentado pelas cooperativas na região Oeste do Paraná em fins da década de 1980 e início da década de 1990, a expansão da cadeia avícola também compôs parte do cenário que pressionou as cooperativas na direção de uma reorganização das suas atividades com vistas a garantir a acumulação de capital. No entanto, esse processo esteve distante de ser linear.

Algumas das reportagens veiculadas pela imprensa cascavelense nesse período dão-nos uma dimensão interessante dos conflitos que atravessavam a indústria da carne em Cascavel-PR e na região Oeste do Paraná. Nos descortinam não apenas as divergências entre os frigoríficos e os suinocultores e bovinocultores, ou então os conflitos entre os frigoríficos e os açougues para os quais a carne industrializada de suínos e bovinos era vendida, mas também nos colocam, por exemplo, defronte a percepções contraditórias acerca da expansão da indústria da carne de frango.

Em junho de 1986, *O Paraná* registrava na seção “Ponha a Boca no Mundo” a reclamação dos donos de açougues de Cascavel que, apesar da melhora na procura, não conseguiam abastecer seus estoques e atender a demanda. De acordo com a reportagem, os proprietários dos açougues culpavam os frigoríficos pelas dificuldades que enfrentavam, “que desejam um aumento de Cz\$ 2,00 por quilo [*do traseiro suíno*], mesmo já tendo aumentado Cz\$ 1,00 por quilo nos últimos dias”.⁵² A dona de um açougues que fez a sua reclamação ao *O Paraná* registrava ainda que: “Não podemos concordar em pagar mais porque temos que continuar vendendo dentro da tabela. *Carne congelada não é a solução, e se tiver que trabalhar com ela, prefiro fechar meu estabelecimento*”.⁵³

⁵¹ DALLA COSTA, Armando João. *Agroindústria brasileira contemporânea: inovações organizacionais e transformações tecnológicas na avicultura*. Tese (Doutorado) – Instituto de Altos Estudos da América Latina, Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1997.

⁵² “Açougues culpam os frigoríficos pelas dificuldades que enfrentam”. *O Paraná*, Seção Ponha a Boca no Mundo. Cascavel-PR, ano 1986, 18 de jun. 1986, p. 6.

⁵³ “Apesar de ‘acordo’ carne só deve chegar aos açougues dia 1º”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1986, 25 de set. 1986, p. 3. [*grifos nossos*].

Um ano mais tarde, em editorial de abril de 1987, *O Paraná* posicionava-se ao lado dos pecuaristas para cobrar do governo federal a compra dos rebanhos de gado a preços acima dos praticados no mercado, de modo a absorver o excesso de produção e garantir os lucros dos pecuaristas.

O que está acontecendo agora, com o preço da carne? Segundo autoridades no assunto, ocorre uma situação paradoxal, pois enquanto a vigência do plano cruzado o consumo aumentou e o abate diminuiu, hoje ocorre uma retração de consumo [...] Como a carne está cara para o consumidor de baixa renda e portanto inacessível para quem ganha até três salários mínimos, o consumo está totalmente prejudicado ao mesmo tempo em que o pecuarista não consegue a lucratividade ideal para manter o seu rebanho com uma assistência especial. Como a pecuária é um investimento a longo prazo e no momento o setor está em crise, é preciso de que o governo se conscientize de que é impossível seguir intervindo no setor, salvo se esta intervenção for para evitar desequilíbrios no mercado. O governo deveria aproveitar a safra, comprar carne para estabelecer o seu estoque regulador, e vender na entre-safra, evitando a sazonalidade do mercado. O pecuarista, então, teria a colaboração do governo, que no lugar de intervir desordenadamente no mercado, *estabeleceria um programa que possibilitaria o acesso da população a um produto fresco e de boa qualidade, pois o brasileiro reage a carne congelada com um período muito longo de armazenamento.*⁵⁴

Reportagens como essas, conforme já enfatizado, colocam em relevo tanto as dificuldades enfrentadas, por exemplo, pela direção da Coopavel na manutenção do Frigovel, quanto algumas das contradições que estiveram presentes na construção de um projeto de industrialização de carne de frango. Ao se colocar na defesa dos interesses dos pecuaristas, o jornal cascavelense evidencia também uma percepção específica acerca da industrialização de carne. Da mesma forma, é significativo a fala da dona de um açougue em Cascavel-PR que, frente aos embates com os frigoríficos e a dificuldade de comprar carne suína e bovina em 1986, afirmava que preferiria fechar seu estabelecimento a ter que depender de comercializar carne congelada.⁵⁵ Sobre isso, conforme destacou Antônio Bosi ao discorrer sobre a expansão da cadeia avícola no Brasil nos anos posteriores a

⁵⁴ “Equilíbrio para a carne”. *O Paraná*, Editorial. Cascavel-PR, ano 1987, 09 de abr. 1987, p. 2. [*grifos nossos*].

⁵⁵ “Apesar de ‘acordo’ carne só deve chegar aos açougues dia 1º”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1986, 25 de set. 1986, p. 3.

década de 1970, para que a industrialização da carne de frango se consolidasse este processo precisou construir “novas necessidades e noções de higiene que alteraram a compreensão popular sobre o preconceito contra o consumo do frango abatido”.⁵⁶ Partindo desta chave, outros estudos também enfatizaram como essas novas noções de higiene, ao mesmo tempo em que alteraram a percepção popular acerca da carne de frango congelada, também pressionaram outras práticas de produção de carne. Assim, alterar essa percepção tratou-se de um processo histórico conflituoso que também nos evidencia elementos importantes acerca da trajetória da indústria da carne no Oeste do Paraná. Para os limites deste artigo, cabe registrar apenas que, na metade da década de 1980, mesmo entre setores da classe dominante cascavelense, a industrialização de carne de frango era vista de maneira contraditória e que, portanto, esse projeto teve de ser construído e articulado entre esses setores.

Além disso, no caso das cooperativas em específico, a viabilidade desse projeto estava condicionada à sua capacidade ou não de responder às tensões que delimitavam a manutenção das cooperativas. Nesse sentido, como representante das classes dominantes de Cascavel-PR, o jornal *O Paraná* se constitui em fonte histórica relevante a partir da qual é possível mapearmos o processo e as contradições a partir das quais esse projeto foi se definindo.

Em 22 de julho de 1988, conforme registrava o periódico cascavelense, realizou-se na cidade de Cascavel-PR o 10º Encontro Estadual de Comitês Educativos do Paraná. Durante fala na cerimônia de abertura do evento, o presidente da Coopavel, Salazar Barreiros, argumentou que o evento em questão se tratava de uma oportunidade para que as cooperativas discutissem “os problemas que hoje estão relacionados ao sistema cooperativista paranaense e brasileiro, para que nós possamos traçar um caminho mais firme rumo ao futuro”. Por fim,

Salazar disse também que “é com esta confiança inabalável que o *cooperativismo ainda é a salvação* para a agropecuária brasileira,

⁵⁶ BOSI, Antônio de Pádua “História das relações de trabalho na cadeia avícola no Brasil (1970-2020)”. In: BOSI, A.P. (Org.) *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010)*: estudos sobre a cadeia avícola. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p.15.

e que nós estamos confiantes que deste encontro sairão as propostas para a *grande transformação de que o sistema necessita para dar continuidade ao seu desenvolvimento e amparo ao produtor rural*.⁵⁷

O encontro no qual a fala do presidente da Coopavel transcrita acima foi realizada não era o primeiro e nem seria o último espaço de discussão para os dilemas das cooperativas no Oeste do Paraná construído pelas entidades que as representavam política e economicamente. No início de fevereiro de 1986, O *Paraná* abria espaço em sua edição para publicar artigo com os resultados preliminares do estudo organizado pela Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) acerca dos custos para produção de aves, suínos e leite. Em meio as tabelas com gastos e possibilidades de aferição de lucros, encontramos no artigo uma síntese interessante amarrando a manutenção das propriedades privadas ligadas às cooperativas com a organização de um projeto industrial.

A diversificação da propriedade rural passa necessariamente pela pecuária, e dentro da ação das cooperativas, principalmente pela avicultura, suinocultura e bovinocultura de leite. [...] *As cooperativas, atentas as necessidades de seus cooperados, vêm gradativamente se estruturando para dar suporte a produção através do fomento, da melhoria dos plantéis, da agroindustrialização e comercialização [...]*.⁵⁸

Como fontes históricas, os dois trechos transcritos acima colocam-nos defronte à articulação de um projeto político realizado pelas classes dominantes locais. Ambas as posições evidenciam um esforço desses setores em naturalizarem e reafirmarem a presença das cooperativas no Oeste do Paraná como o projeto de desenvolvimento para o campo, omitindo a presença de outros sujeitos históricos e projetos distintos – como, por exemplo, as experiências de organização e luta pela terra já citadas anteriormente.⁵⁹ Silenciando tais sujeitos, a “diversificação da propriedade rural” e o incentivo ao “aumento da produtividade”

⁵⁷ “Cooperativismo, a solução”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1988, 22 de jul. 1988, p. 4. [grifos nossos].

⁵⁸ “Quanto custa produzir aves, suínos e leite?”. *O Paraná*, Caderno O PR Rural. Cascavel-PR, ano 1986, 03 de fev. 1986, p. 1. [grifos nossos].

⁵⁹ MORAES JUNIOR, Leozil Ribeiro. *op. cit.*; CUNICO, J. *op. cit.*; MOREIRA, Vagner. *História da avicultura no Oeste do Paraná: trabalhadores e o processo industrial de produção de frangos (1970-2013)*. Relatório de Estágio (Pós-Doutorado) – História. Unicamp, 2014.

aparecem dentro da narrativa como “necessidade dos cooperados”. A utilização desses termos, portanto, não é desprovida de sentido. Como conceitos, tais termos estão carregados de historicidade, representavam e representam a afirmação das relações capitalistas no campo, inclusive enquanto contraponto aos movimentos sociais de luta pela terra nas décadas de 1980 e 1990.⁶⁰ A fala do presidente da Coopavel, Salazar Barreiros, ao se referir a “grande transformação de que o sistema [cooperativista] necessita para dar continuidade ao seu desenvolvimento e amparo ao produtor rural”, ressaltava um problema histórico colocado não apenas para direção da Coopavel, mas também para as classes dominantes ligadas às cooperativas do Oeste paranaense de maneira geral.

Desse ponto de vista, é importante ressaltar que, na formulação e na concretização desse projeto, a direção da Coopavel esteve sintonizada com a imprensa local e com outros setores da burguesia regional. As reportagens de *O Paraná* entre os anos finais da década de 1980 e início da década de 1990 não raras vezes registrariam a articulação das classes dominantes locais em torno da discussão de “saídas para a crise” vivida pelas cooperativas no Oeste paranaense, com longas reportagens sobre as “possibilidades” de desenvolvimento da região.

No dia 25 de março de 1988, a Associação de Câmaras e Vereadores do Oeste do Paraná (ACAMOP), a Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP), a Coordenadoria das Associações Comerciais e Empresariais do Oeste do Paraná (CACIOPAR), junto com a Associação Comercial e Industrial de Cascavel (ACIC), promoveram na sede da ACIC em Cascavel-PR um “Seminário sobre Industrialização no Oeste do Paraná”⁶¹. O evento contou com a participação de vários representantes do poder público, “além de reunir cerca de 300 empresários e ainda outras autoridades estaduais, regionais e locais”, segundo reportagem de *O Paraná*. Para os editores do jornal, como sugere o próprio título da reportagem, “Região Oeste quer industrialização – já”, o saldo dessa reunião da classe dominante local e estadual foi incontestável.

⁶⁰ MOREIRA, Vagner. *Ibidem*.

⁶¹ “Região Oeste quer industrialização – já”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1988, 26 de mar. 1988, p. 1.

A tônica deste encontro [...] foi de que a região Oeste tem tudo em termos de pujança, potencialidade e infraestrutura, além de ordenação e determinação, para se industrializar, fato frisado por todos os que se pronunciaram desde a abertura solene do seminário, até os painelistas e debatedores dos assuntos explanados.⁶²

Na mesma direção, três anos depois, outro editorial de *O Paraná* esboçaria alguns dilemas para que o município de Cascavel-PR caminhasse rumo a seu “futuro industrial” nos seguintes termos:

Cascavel, com seu comércio agilíssimo, gerado por uma agricultura vigorosa, *precisa ainda descobrir, não intelectualmente, como já o faz, mas na prática, a sua vocação agroindustrial*. O Comércio e a agricultura devem manter o seu vigor tradicional, mas integrar-se definitivamente ao processo agroindustrial. Como isto se concretizará, à luz da nova política industrial, é que se apresenta como a tarefa a debater aqui e agora.⁶³

Produzidas a partir das impressões, expectativas e ações das classes dominantes, o conjunto das reportagens publicadas na imprensa cascavelense no início dos anos 1990, permitem-nos analisar como os contornos de um projeto “agroindustrial” foram gestadas pela Coopavel e pelas entidades empresariais da cidade como um projeto de reorganização da acumulação de capital na região, inicialmente sustentada na produção e na comercialização de grãos. Os meios de comunicação, afinados com setores das classes dominantes da região, ao mesmo tempo em que contribuíram no processo de articulação desse projeto, buscaram traduzi-lo como desfecho “natural” de um devir histórico⁶⁴ Assim, na condição de agente político, a imprensa cascavelense atuou no sentido de sensibilizar e de mobilizar o empresariado local em torno do projeto de “agroindustrialização” para o município de Cascavel-PR e o Oeste do Paraná. No caso das cooperativas, é em meio a esse contexto histórico que se esboçou a aposta na estruturação da cadeia avícola e na construção ou ampliação dos frigoríficos de frangos.

⁶² *Idem. Ibidem.*

⁶³ “Futuro Industrial”. *O Paraná*, Editorial. Cascavel-PR, ano 1991, 28 de mar. 1991, p. 2. [grifos nossos]

⁶⁴ PEREIRA, Fagner Guglielmi. *Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em Marechal Cândido Rondon (2000-2010)*. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011, p.13.

No final de 1987, a imprensa local destacou a realização de uma assembleia extraordinária convocada pela direção da Coopavel para o dia 12 de dezembro com objetivo de prestar contas das atividades desenvolvidas naquele ano e discutir “outros assuntos de interesse do quadro associativo”, nos quais, conforme registrou a redação de *O Paraná*, “no item das prioridades para o próximo ano”, entre outras coisas, “os associados aprovaram a proposta da Coopavel estudar a viabilidade de um abatedouro de aves, para atender os cooperados e também os demais aviários localizados em sua área de atuação”.⁶⁵

O resultado do “estudo de viabilidade” para a construção do frigorífico de aves, encaminhado na assembleia da Coopavel em dezembro de 1987, seria anunciado por Ibrahim Fayad, sucessor de Salazar Barreiros na cadeira de diretor presidente da Coopavel. Fayad anunciava a decisão favorável da cooperativa pela construção do abatedouro de aves apresentando o projeto de edificação da nova planta produtiva, também chamado de frigorífico polivalente. O projeto tinha como etapa inicial e prioritária a construção da parte correspondente ao abate e industrialização da carne de frango. De acordo com Fayad,

“Também achamos importante que se tenha uma política regionalizada de acordo com a *vocação agrícola* de cada região e de *incentivo à produtividade*”, afirma. Para o presidente da Coopavel a agricultura continua produzindo graças ao apoio das cooperativas e diz que *a meta principal da Coopavel é incentivar os associados a diversificar suas atividades e produzir com eficiência, buscando cada vez maior produtividade*. “Nesse contexto a agroindustrialização assume papel importante”, continua Fayad, “e pensando assim a Coopavel está investindo em um novo e moderno frigorífico com três abatedouros (aves, suínos e bovinos) e ainda neste ano deverá inaugurar a indústria “Misturadora de Adubos”, que servirá como importante suporte ao incremento da produtividade agrícola e manutenção dos associados em suas propriedades”, conclui Fayad.⁶⁶

A repetição e a naturalização de termos como os que foram utilizados pelos presidentes da Coopavel e da Coopacol – “diversificar as atividades”, aumentar os “níveis de produtividade”, “produzir com eficiência”, entre outros – mascaram a

⁶⁵ “Coopavel faz assembleia e define prioridades”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1987, 13 de dez. 1987, p. 10.

⁶⁶ “Dia mundial do cooperativismo. As cooperativas, sua força e contribuição”. *O Paraná*, Caderno O PR Rural. 06 de jul. 1991, p. 5. [grifos nossos]

construção do projeto agroindustrial como uma ação de classe pensada e articulada dentro de um conjunto de pressões históricas, transformando-a em “vocação”. A contesta o das cooperativas no campo por parte dos posseiros e dos trabalhadores rurais pobres, o endividamento das cooperativas com o capital financeiro, os conflitos com os criadores de suínos e bovinos e a acirrada concorrência com outros frigoríficos da região são alguns dos elementos que concorreram para que as cooperativas se colocassem a necessidade de uma reorganiza o. Tais contradi es são sistematicamente omitidas dentro dessa perspectiva com o intuito de naturalizarem tanto a presença das cooperativas quanto a presença mais recente dos frigoríficos de frango a partir da década de 1990.

Conclusão

A fala do presidente da Coopavel em 1991, Ibrahim Fayad, quando relacionada às outras reportagens e às falas dos setores da classe dominante que se colocaram nesse debate, entre os quais o jornal *O Paraná*, constitui uma evidência importante acerca da vincula o entre a defesa do “cooperativismo” e a constru o de um projeto de “agroindustrializa o”. Nesse sentido, a cadeia avícola e as indústrias de frango se colocaram como uma alternativa (construída historicamente) na medida em que conseguiram articular a presença das cooperativas e a acumula o de capital no campo e na cidade. Nesta dire o, cabe mencionar que esta virada para o mercado externo operada pela indústria frigorífica foi uma política visando contornar/superar crises internas. Tal movimento se ancorou na perspectiva de aumento da intensidade do uso de mão de obra (imigrantes, inclusive) dentro das indústrias.

Além disso, embora apareçam na leitura elaborada pelas classes dominantes locais como resultado da “voca o agroindustrial” da região, a defini o pela estrutura o da cadeia avícola e a constru o dos frigoríficos de frango escorou-se também em um processo histórico mais amplo de expansão dessa atividade, que, no caso do Brasil, pode ser localizado temporalmente a partir de meados da década de 1970. Acelerando o tempo de crescimento dos pintainhos,

aumentando o peso dos frangos na hora do abate, intensificando a produtividade do trabalho nos frigoríficos e barateando o preço da mercadoria no mercado, a cadeia produtiva da carne de frango estabeleceu os alicerces para a acumulação de capital. Conforme destacou Bosi, ao longo desse processo histórico, estruturou-se, uma cadeia produtiva na qual, em uma ponta, encontram-se algumas poucas empresas multinacionais detentoras da propriedade sobre o conhecimento tecnológico que impulsionou o aumento da produtividade. Ao passo que, na outra ponta, estão os frigoríficos que, produzindo carne de frango em escala industrial, ancoram seus lucros na exploração de uma significativa parcela da classe trabalhadora.⁶⁷

No Oeste paranaense, os anos 1990 delimitaram o intervalo temporal que consolidou um conjunto de transformações nas relações de trabalho, acentuando significativamente pela expansão da cadeia avícola na região. Os frigoríficos de frango ali instalados ao longo dessa década ou nos anos seguintes foram responsáveis por abater e desossar milhões de toneladas de carne de frango, direcionados ao mercado interno e externo. Os volumosos lucros obtidos pelas empresas, cooperativas e particulares, com a comercialização de tanta carne de frango, principalmente com a exportação, serão celebrados em uníssono por estas empresas e pelos meios de comunicação locais, como a imagem da “galinha de ouro” utilizada por *O Paraná*.⁶⁸ Mais de duas décadas depois, a visão positiva sobre a presença dos frigoríficos região nos é insistentemente atualizada pelos meios de comunicação, que seguem divulgando recordes de produção, exportação e lucros obtidos pela indústria da carne de frango.

Há, contudo, um reverso dessa aparente história de sucesso. O processo de acumulação de capital pelas cooperativas na região irá se consolidar apoiado principalmente na exploração do trabalho de uma numerosa classe operária nos frigoríficos de aves e na subordinação e dependência dos agricultores e

⁶⁷ BOSI, Antônio de Pádua. “Um ensaio sobre industrialização, desenvolvimento econômico e trabalho degradado no Oeste do Paraná” In: _____. *Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente*. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 79-120.

⁶⁸ “Sem ‘voo de galinha’ na avicultura do Oeste”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2015, 17 de abr. 2015, p. 1.

trabalhadores ligados a criação dos frangos.⁶⁹ Neste sentido, desnaturalizar as leituras da classe dominante sobre o êxito da industrialização no presente nos ajuda a compormos o contexto histórico no qual podemos dimensionar e compreender a experiência da classe trabalhadora que esteve empregada nos frigoríficos de carne entre 1980-2015 e o sentido histórico desse processo para estes sujeitos.

Referências

ABPA. Associação Brasileira de Proteína Animal. 2015 *Relatório anual*. Disponível em: < <https://abpa-br.org/abpa-relatorio-anual/> > Acessado em 21/04/2023.

“Açougues culpam os frigoríficos pelas dificuldades que enfrentam”. *O Paraná*, Seção Ponha a Boca no Mundo. Cascavel-PR, ano 1986, 18 de jun. 1986, p. 6.

“Agricultores se unem para salvar a Coopavel”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 05 de mar. 1985, p. 1

“Apesar de ‘acordo’ carne só deve chegar aos açougues dia 1º”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1986, 25 de set. 1986, p. 3.

“Associados destituem diretoria da Coopavel”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 03 de fev. 1985, p. 1.

“Avicultura é a ‘galinha dos ovos de ouro’ da região Oeste”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2015, 04 de out. 2015.

BELUSSO, D. “A formação das cooperativas agrícolas e a expansão da avicultura de abate no Oeste paranaense (1970-2010)”. In: BOSI, A.P. *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010): estudos sobre a cadeia avícola*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p. 39-61.

⁶⁹ BOSI, A.P. *Ibidem.*; PEREIRA, F.G. *Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.; HECK, Fernando. “Territórios da degradação do trabalho: os impactos na saúde e na vida dos trabalhadores de aves e suínos no Brasil”. In: VIII SEMINÁRIO DE SAÚDE DO TRABALHADOR E VI SEMINÁRIO “O TRABALHO EM DEBATE”. Anais. UNESP, Franca – SP, 2012.

BOSI, Antônio de Pádua. “Um ensaio sobre industrialização, desenvolvimento econômico e trabalho degradado no Oeste do Paraná” In BOSI, A.P. *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010): Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente*. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 79-120.

BOSI, Antônio de Pádua. *Acumulação de capital no Oeste Paranaense*. Marechal Cândido Rondon, 2015. Texto mimeografado.

BOSI, Antônio de Pádua. “História das relações de trabalho na cadeia avícola no Brasil (1970-2020)”. In: BOSI, A.P. (Org.) *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010): estudos sobre a cadeia avícola*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p.15.

“Carne, nem para remédio”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1986, 20 de nov. 1986, p. 4.

“Carne para exportação”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1993, 02 de jun. 1993, p. 3.

CIAS. *Central de Aves e Suínos*. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/CIAS/dados/grafico.php>> Acessado em 21/04/2023

“Coopavel começou a demitir os gerentes”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de fev. 1985, p. 1.

“Coopavel faz assembleia e define prioridades”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1987, 13 de dez. 1987, p. 10.

“Coopavel já reage, diz dirigente cooperativista”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de mar. 1985, p. 4.

“Coopavel sem presidente. Ninguém quis assumir o ‘pepino’!”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 24 de fev. 1985, p. 1.

“Cooperativas da região faturam R\$ 16 bilhões em 2015”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2016, 03 de fev. 2016.

“Cooperativismo, a solução”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1988, 22 de jul. 1988, p. 4.

CRUZ, Heloísa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, PUC, nº 35, 2014, pp. 253-270.

CUNICO, Jaqueline. *Viver e trabalhar no campo: produção agropecuária, relações de trabalho e tensões no Extremo Oeste paranaense, 1970-2012*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

DALLA COSTA, Armando João. *Agroindústria brasileira contemporânea: inovações organizacionais e transformações tecnológicas na avicultura*. Tese (Doutorado) – Instituto de Altos Estudos da América Latina, Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1997.

“Dia mundial do cooperativismo. As cooperativas, sua força e contribuição”. *O Paraná*, Caderno O PR Rural. 06 de jul. 1991, p. 5.

“Equilíbrio para a carne”. *O Paraná*, Editorial. Cascavel-PR, ano 1987, 09 de abr. 1987, p. 2.

“Fim do impasse na Coopavel: presidente foi eleito. Agora preocupação é com a dívida”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 03 de mar. 1985, p. 1

“Futuro Industrial”. *O Paraná*, Editorial. Cascavel-PR, ano 1991, 28 de mar. 1991, p. 2.

“Grupo Sadia exporta 240 milhões de dólares e será premiado pelo recorde”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 08 de mar. 1985, p. 6.

MDIC. *Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior*. Disponível em: <<https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas>> Acessado em: 21/05/2023.

MORAES JUNIOR, Leozil Ribeiro de. *Mastro: o movimento dos agricultores sem-terra do Oeste do Paraná (1970-1990)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2011.

MOREIRA, Vagner. *História da avicultura no Oeste do Paraná: trabalhadores e o processo industrial de produção de frangos (1970-2013)*. Relatório de Estágio (Pós-Doutorado) – História. Unicamp, 2014.

“Para cumprir acordo, frigoríficos querem que o governo faça estoque”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1987, 06 de ago. 1987, p. 6.

PEREIRA, Fagner Guglielmi. *Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em Marechal Cândido Rondon (2000-2010)*. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

PEREIRA, Fagner Guglielmi. *Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.; BOSI, Antônio de Pádua. “Paternalismo e racismo: História dos trabalhadores da vila operária da FriRondon (1963-1979)”. *Revista Tempos Históricos*. Vol. 20. Número 02. Ano18. Departamento de História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Marechal Cândido Rondon, 2016, p.227-255.

“Quanto custa produzir aves, suínos e leite?”. *O Paraná*, Caderno O PR Rural. Cascavel-PR, ano 1986, 03 de fev. 1986, p. 1.

“Região Oeste quer industrialização – já”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1988, 26 de mar. 1988, p. 1.

“Sem ‘voo de galinha’ na avicultura do Oeste”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 2015, 17 de abr. 2015, p. 1.

“Sem crédito e dinheiro, Coopavel pede socorro”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1985, 22 de fev. 1985, p. 5.

SILVA, José Graziano. “A estrutura agrária do Paraná”. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Número 87. 1996, p.175-195.

“Suíno: novo preço ainda ‘não é tudo’”. *O Paraná*, Cascavel-PR, ano 1987, 08 de dez. 1987, p. 1.

“Suinocultura acumula prejuízos”. *O Paraná*, Caderno Rural. Cascavel-PR, ano 1987, 06 de jun. 1987, p. 3.

Recebido em 15/09/2023
Aprovado em 23/11/2023